

Do guerreiro germano ao cavaleiro do século XIII – Personagens históricos e modelos civilizacionais no mundo germânico continental: faces e interfaces

ÁLVARO ALFREDO BRAGANÇA JÚNIOR
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Brasil

I. À GUIA DE INTRODUÇÃO

Talvez um dos mais importantes acontecimentos dentro do mundo europeu, cujas influências e repercussões demarcaram bem o cenário da Idade Média Central e da Baixa Idade Média, tenha sido o surgimento, estabelecimento, apogeu e declínio da cavalaria enquanto instrumento de um processo eclesiástico de base civilizacional. Seu percurso cultural chega até os dias de hoje, pertence ao imaginário coletivo acerca do mundo medieval e presentifica-se sob diversas linguagens para o homem do século XXI. Contudo, a história por trás das estórias cavaleirescas pode ser remontada a épocas mais pretéritas, quiçá retornando à Antiguidade Clássica e às tribos germânicas.

Dentro do cenário acadêmico brasileiro, encontramos tendências de estudo que examinam o fenômeno da cavalaria em suas interfaces com a Literatura, com a História, com a História Militar, apenas para citar três campos do conhecimento, tendo como recortes espaciais preferidos a Península Ibérica e a França. Sobre o mundo germânico, porém, faltam ainda substanciais pesquisas. Nossa escolha prende-se à análise de teóricos alemães acerca do fenômeno da cavalaria, pois somos de parecer que suas vozes apresentam significativas contribuições. Todavia, antes de iniciar este debate, situemos melhor os primórdios, dentre os germanos e na Alta Idade Média, daquilo que chamaremos “estruturas pré-cavaleirescas”.

2. ALGUNS TRAÇOS PRÉ-CAVALEIRESCOS NA GERMANIA E NA ALTA IDADE MÉDIA

As relações germano-romanas já mostram ao estudioso embriões de, no mínimo, duas posturas adotadas no ápice do sistema cavaleiresco na Europa. Tácito, em sua *Germania*, alude ao *comitatus*, a relação de fidelidade entre o guerreiro germânico e seu senhor, expressa muitas vezes pela permanência daquele junto a este último em batalhas. O próprio direito de *ban*, de liderança incontestada atribuída aos guerreiros germânicos da Antiguidade, pressupunha também uma relação intrínseca entre comandante e comandados.

Após o esfacelamento político do Império Romano do Ocidente pós 476 d.C. e o estabelecimento paulatino de uma Europa Ocidental fortemente moldada em reinos sob bases galo-romano-germânicas, assiste-se no século VIII à ascensão de Carlos Magno a rei dos francos (771) e, posteriormente, a im-

perador do Sacro Império (800). Uma das principais estruturas políticas e sociais que possibilitaram ao franco transformar seu reino em um império referendado pela sagração papal prende-se à reutilização dos *comites palatini*, isto é, não mais simplesmente um título honorífico, à época romana, mas sim trazendo consigo implicações jurídicas, administrativas e também militares. Uma das razões para a associação deste grupo às obrigações bélicas assenta no fato de que, entre os séculos VIII e IX, boa parte da Europa Ocidental sofre com os ataques de vikings, magiares e sarracenos, o que demanda, como contramedida, a preparação de milícias prontas a repeli-los. No caso do mundo germanófono, os condes palatinos serão os *Pfalzgrafen*, tradução literal dos termos latinos, ou com a criação das Marcas, os *Markgrafen*, os margraves. Portanto, estes homens importantes para a manutenção da paz e dos territórios imperiais começam a ser legitimados social e nobiliarquicamente através da remissão e/ou criação de linhagens associadas a um passado remoto.

A partir do momento em que na Idade Média Central se consolidou um período de maior paz no continente, também se propiciou o fortalecimento de um sistema de relações sociais, o feudalismo, que terá como um de seus mais destacados elementos os *milites christiani*.

3. CONCISAS PALAVRAS SOBRE O FEUDALISMO NO SACRO IMPÉRIO

Não nos debruçaremos aqui, por razões de espaço, a esmiuçar as inúmeras peculiaridades do feudalismo nas diversas partes do continente europeu a partir de fins do século IX e início do seguinte. Limitar-nos-emos a tecer considerações acerca desse sistema no Sacro Império .

Klaus Militzer¹ assim sumariza o viés militar da nova relação feudo-vassálica: “Quem recebia o feudo prestava, em seguida à *commendatio* com a imposição de mãos, um juramento de fidelidade, pelo qual prometia servir ao senhor feudal.” A tal cerimônia, contudo, era adjudicado um importante viés do ato de servir: “O serviço consistia especialmente no serviço militar”². O historiador alemão prossegue e enfatiza agora o diferencial desta nova prática: “Devido ao feudo o vassalo deveria ..., manter um cavalo e, como cavaleiro, lutar a cavalo. No caso de feudos maiores, aquele deveria ser colocado em condições de servir com um grupo de homens”³.

O cumprimento das obrigações entre senhor e vassalo, no caso das regiões pertencentes ao Sacro Império, passava por vários atores oriundos de diferentes estamentos. Como senhores feudais e dignitários da igreja, bispos exerciam poder secular e temporal, participando decisivamente da vida política no império, apoiando ora a casa imperial ora as pretensões papais⁴. Por outro lado, os nobres oscilavam no jogo político entre o clero e o imperador, servindo também como fiéis da balança em questões judiciais e de segurança para o império.

Uma singularidade, porém, chama nossa atenção ao vincularmos sua existência ao crescimento da cavalaria no mundo germânico continental: os ministeriais. Inicialmente servos, “que viviam como serviçais na casa do senhor e realizavam as tarefas ao bel prazer deste último”⁵, os *Dienstherren*, ministeriais, podiam servir aos interesses do império e, por se tornarem homens de confiança dos altos escalões da nobreza, paulatinamente começaram a granjear uma posição de certo destaque social. No início, eles não eram enfeudados, isto é, tinham direito a feudos, mas devido a sua proximidade e relativa

1 Klaus Militzer, *Revista forum deutsch* 5, pp. 20-35.

2 *Idem*, p. 23.

3 *Idem, ibidem*.

4 Sobre a importância dos dignitários eclesiásticos no Sacro Império e as relações com os senhores feudais laicos, cf. Militzer, *op. cit.*, pp. 24-29.

5 *Idem*, p. 28.

intimidade com seus senhores, como afirma Militzer⁶, os ministeriais “em sua origem servos, ascenderam e conquistaram na sociedade uma posição igual a da nobreza.”

Este processo de afirmação social em desenvolvimento desde o século XII e com maior ênfase no século XIII contribuiu para a aproximação entre esses servos de confiança e os membros da baixa nobreza, que encontraram exatamente no ideal da cavalaria a expressão de seus anseios e expectativas de progressão dentro do universo feudal.

4. ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A CAVALARIA NO MUNDO GERMÂNICO CONTINENTAL

São elucidativas as palavras de Klaus Militzer sobre o impacto das novas idéias, surgidas na França, e que chegaram ao solo germanófono, configurando-se no modelo do *Ritter*, o cavaleiro-cavaleiro: “A idéia da cavalaria abrangia todos os homens que fossem capazes de portar armas, toda a ordem dos guerreiros e excluía camponeses e eclesiásticos”⁷. O sentimento de pertencimento a um grupo diferenciado, livre e no mesmo patamar da nobreza, embora não de primeira instância, conferia aos ministeriais um papel de igualdade, de *pares inter pares*, pois como afirma Militzer⁸, “tanto o rei quanto o último dos simples cavaleiros podia se sentir como cavaleiro e considerar-se como pertencente à ordem da cavalaria”. O século XII foi o momento de fixação dos procedimentos a serem seguidos pelos aspirantes a caval(h)eiros. Além do adubamento, “cerimônias eclesiásticas foram especialmente integradas, como o jejum antes da sagração de cavaleiro, a demora em orações, a sagração da espada, etc.”⁹, embora parcela significativa do clero não visse com bons olhos, num primeiro momento, essa nova “milícia”.

De pajem, passando por escudeiro, até chegar ao cavaleiro, o percurso de formação era severo e oneroso. O armamento adequado e o palafrém ajazado custavam muito e em várias ocasiões as despesas eram assumidas pelos grandes senhores; contudo, em diversos casos, salienta Militzer¹⁰ “muitos nobres nunca foram armados cavaleiros devido aos custos intrínsecos à sagração, permanecendo por toda a vida como escudeiros”.

Todo um ideal de cortesia regulamentava o comportamento padrão desse “novo homem”, guerreiro e *gentle man*, em que o cavaleiro – *Ritter* –, aquele que monta a cavalo, porém apresenta virtudes outras como “bravura, (*mannesmuot*); fidelidade (*triuwe*); [é] observador da devida medida (*diu mâze*); [possui] coração forte e elevados ideais (*hôher muot*); constância (*staete*), generosidade (*milte*), honra (*êre*) e principalmente [objetiva] a graça de Deus (*gotes hulde*)”¹¹.

O serviço militar incorpora no campo literário o código de vassalagem, adaptando-o a uma nova realidade, qual seja, a vassalagem amorosa, em que o serviço à dama com seus devidos procedimentos regrados por posturas defendidas posteriormente pela Igreja gera dentro do campo literário o amor cortês – *Minnesang*, em alemão. Estabelece-se uma aliança entre o mundo da nobreza e os seus cantores e declamadores, em que a Literatura e a Música assumem papel civilizador, se nos for permitido usar a nomenclatura de Norbert Elias¹².

Torneios e justas serviam para firmar a imagem do cavaleiro como homem d’armas e propenso a se candidatar à mão de alguma jovem dama. Era por ocasião dos exercícios com as armas que os ca-

6 *Idem*, pp. 29-30.

7 *Idem*, p. 30.

8 *Idem, ibidem*.

9 *Idem*, p.31.

10 *Idem, ibidem*.

11 Álvaro Alfredo Bragança Júnior, “Riter, Frouwe e Got em *Der arme Heinrich* de Hartmann von Ave – Idealização Literária da Sociedade na Baixa Idade Média Germanófona”, *Revista Brathair*, 1(2), pp. 4-10.

12 Norbert Elias, *O Processo Civilizador*, vol.2., especialmente pp 65-85.

valeiros demonstravam sua destreza ao enfrentarem pares. O que nasceu como prova do adestramento militar daqueles se tornou uma auto-celebração dos membros da *ordo*, uma imagem especular a ser alcançada. Como eficiente meio de propagação deste ideal encontra-se a literatura cavaleiresca e o assim denominado “romance cortês”.

O ocaso do modelo cavaleiresco em solo germanófono continental inicia-se definitivamente, segundo Militzer¹³, no momento em que o imperador Frederico II Hohenstaufen “em 1232 proclamou o fim da classe cavaleiresca. Doravante somente deveria poder tornar-se cavaleiro e pertencer à classe dos cavaleiros aquele, cujos antepassados tivessem pertencido a essa classe”. Tal decisão, sem dúvida, causava uma ruptura na pretensa irmandade de cavaleiros, pois cindiria a coesão entre as antigas famílias de nobres livres e as procedentes de antigos servos e ministeriais¹⁴. O advento posterior das armas de fogo no século XIV e seu emprego no campo de batalha selaram o futuro da cavalaria.

Como aquilatar, porém, a contribuição do fenômeno “cavalaria” sob uma perspectiva da historiografia alemã? Entre que parâmetros podemos situá-la? Arrolaremos alguns historiadores e daremos a eles a palavra.

5. O CAVALEIRO GERMÂNICO À LUZ DA MEDIEVÍSTICA GERMANÍSTICA – EXEMPLOS DE VOZES

Que a Literatura pode ser um reflexo da sociedade, mas nunca representa a mesma como esta foi, não pode mais ser posto em dúvida por ninguém. Da mesma forma, isto também não pode mais ser questionado pela Germanística com respeito à épica da alta nobreza e do trovadorismo. Questionável, porém, permanece apenas qual importância pode ser atribuída à épica e ao trovadorismo na sociedade¹⁵.

O debate sobre a validade dos textos literários como fontes historiográficas perpassa boa parte dos primeiros quartéis do século XX, em que a dicotomia testemunho/documento ainda imperava para a credibilidade da análise de obras literárias pela Historiografia tradicional. Todavia, o entendimento de que o texto historiográfico também se constrói como discurso e nele estão espalhados e espelhados os valores do mundo circundante ao historiador – figura humana – não deve ser mais posto em dúvida. Muda-se o eixo da discussão não para questões de verdade ou verossimilhança dos textos literários, mas sim de que forma o autor-historiador operacionaliza e interpreta essas obras, transformando-as em fontes de pesquisa.

Se as narrativas medievais oferecem um conjunto amplo de possibilidades hermenêuticas, cabem teorias e metodologias específicas para se chegar a esse objeto de estudo. Passando diretamente ao nosso tópico, o cavaleiro medieval, no campo da Medievalística¹⁶ e da historiografia alemã do século XX¹⁷, importantes estudos foram feitos sobre o tema.

13 Klaus Militzer, *op. cit.*, p. 33.

14 *Idem*, pp. 33-34.

15 Álvaro Alfredo Bragança Júnior, *Revista forum deutsch*, VIII, pp. 116-140.

16 Entendemos os termos em alemão *Germanistische Mediävistik* como a ciência que tem por finalidade estudar uma determinada língua e a literatura compilada nesta língua durante a Idade Média e que as considera não como um fenômeno isolado, mas as contextualiza em uma época com sua cultura e civilização específicas. A Medievalística Germanística em alemão, como propomos, prende-se aos estudos de *Kulturwissenschaft*

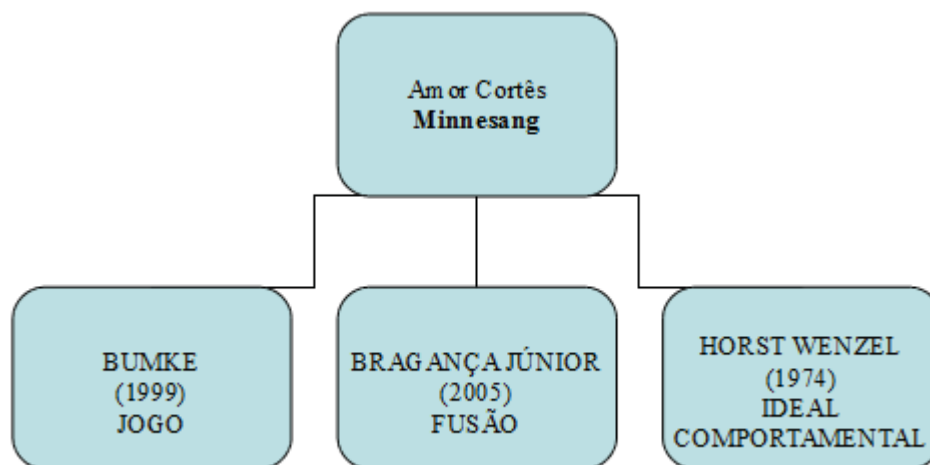
17 Não nos deteremos em análises sobre as visões da historiografia alemã anteriores a esse século devido às limitações espaciais deste artigo.

Joachim Bumke¹⁸ defende, em seu capítulo “O Conceito de Caval(h)eiro e o Estamento Caval(h)eiresco”¹⁹, a opinião de que a emblemática figura do cavaleiro, tornada caval(h)eiro, faz parte de um jogo convencional, criado exclusivamente para aprazer a platéia masculina, encantada com feitos heróicos de personagens que seriam iguais a eles. O amor apresentado na matéria cavaleiresca em romances e poemas épicos, com o correspondente endeusamento da mulher, serviria para enaltecer a dignidade masculina. Transfere-se simplesmente o ambiente dos torneios e justas para o da recitação e musicalização. Instaura-se o real poético ao lado da realidade guerreira.

Contudo, uma outra visão, defendida pelo medievista Horst Wenzel, aponta para o caval(h)eiro presente nesse tipo de literatura como um ideal pedagógico a ser imitado e alcançado, com vistas à legitimação da nobreza e sua posição de destaque²⁰. Mesmo que pensemos que tal modelo literário estilizado não pudesse ser concretizado na vida real dos séculos XII e XIII, as intenções moralizantes do clero faziam-se sentir nos círculos cortesês.

Sugerimos um meio-termo às vozes de Bumke e Wenzel²¹: não apenas um ideal, mas também a prática lúdica de um exercício, similar ao manejo das armas, caracterizariam através da lupa interdisciplinar da Medievalística Germanística o espaço de interpretação e representação desse *ludus*, sem referência aqui ao tipo de drama litúrgico em latim contemporâneo aos textos “cavaleirosos”.

É a seguinte nossa proposta de esquema:



Uma perspectiva eminentemente historiográfica delineia-se a partir dos anos 70 do século passado. Nomes como Arno Borst, Norbert Elias, Klaus Militzer, Josef Fleckenstein e Werner Paravicini também se debruçaram sobre as implicações da cavalaria no Sacro Império. A ciência histórica compilou material que permite um testemunho abalizado sobre a realidade da vida da nobreza. Ouçamos as vozes desses historiadores.

18 Joachim Bumke, *Höfische Kultur*, 1999.

19 No original, *Ritterbegriff und Ritterstand*.

20 Horst Wenzel, *Fraudienst und Gottesdienst*, pp. 93-95.

21 Álvaro Alfredo Bragança Júnior, “O Estudo da Literatura Medieval em Alemão no Brasil à Luz da Medievalística Germanística – Algumas Palavras”, pp. 258-268.

6. O CAVALEIRO GERMÂNICO À LUZ DA HISTORIOGRAFIA ALEMÃ – MAIS EXEMPLOS DE VOZES

Dentro do Sacro Império, os portadores da cultura cortês e caval(h)ieiresca dos séculos XII e XIII eram, em especial, cavaleiros e ministeriais oriundos da nobreza, que gradativamente ganharam importância e prestígio e a quem a cultura do trovadorismo era endereçada. Deste modo, as cortes ofereciam aos trovadores a oportunidade de criar um plano ficcional ideal, em que aquelas traziam como expressão modelar para a composição dos textos a veneração da mulher enquanto *frouwe* e *herrîn*.²²

Como mensurar tal premissa, freqüente nos manuais de literatura alemã, a partir da interpretação da historiografia? Seleccionamos alguns dos mais importantes nomes e com eles verificaremos se a Medievalística e a História divergem ou confluem no que diz respeito à figura do caval(h)eiro.

Arno Borst organizou a coletânea *A cavalaria na Idade Média* (1998)²³ e em seu artigo “Das Rittertum im Hochmittelalter– Ideal und Wirklichkeit”²⁴, constante do citado livro, defende que “a decadência da cavalaria na Idade Média Tardia não significou que a forma de vida caval(h)ieiresca se quebrou; pelo contrário, reis e burgueses acolheram-na com entusiasmo”²⁵. Embora como fenômeno histórico, assevera o historiador, a cavalaria tenha desaparecido, as idéias caval(h)ieirescas continuam a permear o imaginário do homem contemporâneo, fomentando exposições, servindo ainda para demarcar características de bravura no campo de batalha, no caso da concessão das Cruzes de Cavaleiro – *Ritterkreuze* – àqueles que tenham se distinguido em operações militares²⁶. Contudo, à realidade dos últimos grãos-mestres cavaleiros do século XX associam-se os ideais do combatente medieval a cavalo, portador de seu código de conduta impecável frente a Deus, ao suserano e à dama.

Sociólogo, não historiador, porém nome importantíssimo para esta proposta de mini-debate, Norbert Elias, em seu *O processo civilizador*²⁷, ao analisar o conceito do T trovadorismo alemão – *Minnesang* – adjudica ao período literário um caráter regulador social, embora “a *Minnesang*, especialmente em seus tons mais delicados – e ela nem sempre foi assim – tivesse origem na mesma vida de conduta rude e desabrida que caracterizava o grosso dos cavaleiros.” Elias aponta aqui ao fato da incongruência entre um tipo de literatura que decantava virtudes e galanterias e o real comportamento dos atores principais, os cavaleiros, dentre esses vários “cavaleiros sem terra, ou pouquíssima terra, que se colocavam a serviço dos mais poderosos”²⁸, grupo esse do qual, segundo o autor, teria emergido o modelo caval(h)ieiresco, esse último portador de valores de uma *cortesia*, passo fundamental para o desenvolvimento futuro da *cvivilidade*.

Sob a óptica do sociólogo, ser *höfisch* – etimologicamente, “educado conforme as normas da corte” – culminou com a *Höflichkeit* da Modernidade – a “educação” –. Do lado da História, os pontos de vista de Klaus Militzer²⁹ contribuem para a discussão. Para o historiador, “a idéia de cavaleiros formou-se a partir de uma moral e sentimento de grupo peculiares dos guerreiros a cavalo”³⁰, destacando-se nesse intento os ministeriais, associados por nós aos cavaleiros mencionados por Elias no parágrafo anterior. Para proporcionar um grau maior de entretenimento e justificação para a existência da *ordo*, fomentavam-

22 *Frouwe* designa a dama cortês, enquanto *herrîn* conceitua a senhora, inacessível ao caval(h)eiro.

23 Arno Borst, *Das Rittertum im Mittelalter*, 1998.

24 “A Cavalaria na Baixa Idade Média – ideal e realidade”, In: Borst, *op. cit.*, pp. 212-246.

25 *Idem*, p. 244.

26 *Idem*, p. 246.

27 Vide nota 12. Aqui, p. 74.

28 *Idem, ibidem*.

29 Vide nota 1.

30 Klaus Militzer, *op. cit.*, p. 30.

-se competições militares, os torneios, e competições poéticas, em que trovadores cantavam, recitavam e instrumentalizavam suas cantigas e poemas de cunho cavaleiroso. Reis como Henrique VI e nobres como Friedrich von Hausen poetaram nesse novo gênero, porém foram os *Dienstherren*, para Militzer, que se empenharam em divulgar e defender esse novo fazer poético sobre o amor. Seus legados para a historiografia e para a teoria da literatura entretencem-se no período, pois, como afirma o historiador³¹,

deve-se confessar que as obras destes homens eram produtos culturais de ponta, que nem sempre eram alcançados. Muitas reuniões de nobres dispensavam estas delicatessen culturais e contentavam-se com a exibição da posição privilegiada da nobreza nos torneios. Porém, sem a sobrelevação da vida da nobreza, alocada na idéia da cavalaria, na qual senhores, ministeriais e simples nobres puderam se encontrar, teria faltado público para estas realizações culturais. Sem a cavalaria não teria havido a disposição para escutar e apreciar tais poemas. Não teria existido o menor ensejo para se apropriar de formas semelhantes de poesia provenientes do oeste.

Josef Fleckenstein é um dos maiores especialistas alemães sobre a cavalaria na Idade Média³². Escolhemos duas obras, dentre sua vasta produção, para sucinta análise aqui. Em *Ordnungen und formende Kräfte des Mittelalters*³³, no capítulo “Rittertum und höfische Kultur” (Cavalaria e cultura de corte), o historiador formula três perguntas, ponto de partida para suas reflexões sobre o tema: “1. O que é a cavalaria? A essa pergunta responde-se primeiramente: ela pertence à esfera dos guerreiros, contudo não é idêntica a eles. Deles se originou e pode, por conseguinte, ser melhor compreendida em sua especificidade a partir deles”³⁴. Sua total vinculação ao sistema feudal, inclusive, é por ele assinalada ao afirmar que a partir do século X, no caso das terras germânicas continentais, “todos os *milites* são guerreiros a cavalo e vassalos”³⁵. 2. A segunda questão refere-se ao novo padrão cultural, que o modelo do cavaleiro assume, além de ser um guerreiro a cavalo armado com equipamento específico, possuir obrigações senhoriais e sociais, ter acesso a feudos e, como ideal, ajudar aos necessitados³⁶. Aqui tem-se a inserção do -h- ao radical de “cavaleiro”: estabelece-se a mudança de paradigma. 3. Como última indagação, Fleckenstein aponta os motivos para o florescimento dessa nova cultura cavaleiresco-cortês. Torneios, festas, a influência das Cruzadas sobre a nobreza, tudo isso auxiliou para que os jovens *bellatores* fossem enaltecidos pela literatura, justificados pelos próprios “textos teóricos da época”³⁷ e que chegaram até aos nossos dias.

A segunda obra do historiador, cujo título em português é *Cavalaria e mundo cavaleiresco*³⁸, possui já em sua Introdução palavras importantes acerca da antiga divisão, na Alemanha, entre áreas compartimentalizadas do saber a respeito da Idade Média e da cavalaria, pois “com efeito, enquanto aqui [na Alemanha] a Germanística, com a poesia cavaleiresca, coloca no centro de seus trabalhos o lado ideal e culturalmente produtivo, a História limita-se ao lado jurídico, bélico e institucional, que cada vez mais perde terreno, de forma que a pesquisa sobre a cavalaria se tornou domínio temporário da Germanística”³⁹.

31 *Idem*, p. 33.

32 Limitar-nos-emos, nesse artigo, a analisar apenas duas obras da lavra única e exclusiva do historiador, contudo citamos como referências bibliográficas indispensáveis sobre a Idade Média em território germanófono as seguintes obras do autor, enquanto organizador: *Herrschaft und Stand – Untersuchungen zur Sozialgeschichte im 13. Jahrhundert*, 2. ed., Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1979; *Curialitas: Studien zu Grundfragen der höfisch-ritterlichen Kultur*, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1990.

33 Josef Fleckenstein, *Ordnungen und formende Kräfte des Mittelalters*, em especial pp. 421-436.

34 *Idem*, p. 422.

35 *Idem*, p. 424.

36 *Idem*, p. 426.

37 *Idem*, p. 433.

38 Josef Fleckenstein, *Rittertum und ritterliche Welt*, 2002.

39 *Idem*, p. 13.

Todavia, nomes da nova geração, como os teóricos por nós indicados, mudaram a perspectiva de investigação, integrando os antigos campos do conhecimento. Desde os períodos anteriores ao estabelecimento da *ordo*, com Carlos Magno, com a passagem e afirmação dessa nova ordem e a sua posterior adaptação a partir das Cruzadas, formou-se um conjunto de elementos culturais que perpassaram e ainda se fazem sentir na Contemporaneidade. Como sintetiza o próprio Fleckenstein⁴⁰, “por mais de meio milênio, a cavalaria atraiu toda a Europa aos seus encantos e suas conseqüências alcançam muito além, até à Contemporaneidade – isto é: a cavalaria pertence aos maiores acontecimentos da Idade Média e, para além disso, aos poucos, grandes acontecimentos da história do mundo.”

Encerrando a apresentação, Werner Paravicini⁴¹ sintetiza que são indissociáveis para o entendimento do conceito de cavalaria os termos cavaleiro, corte e cultura. Interessante, porém, é sua posição sobre a procedência desse grupo seletivo de guerreiros. Para ele, a cavalaria é “uma forma especial da cultura de estamentos superiores”⁴². Em um primeiro momento, poder-se-ia supor que Paravicini não tenha atentado à importância dos ministeriais, os antigos servos não livres, que começaram a adquirir certo prestígio dentro das cortes senhoriais, para a cunhagem final dos parâmetros do futuro caval(h)eiro; porém, mais adiante ele acrescenta que “o processo de emancipação alcançou também, de forma precisa, os serviços não livres (ministeriais) da nobreza”⁴³. Aqueles ministeriais encarregados de funções e obrigações militares, como visto ao longo de nossa exposição, seriam os moldes dos *Ritter!*

7. PALAVRAS FINAIS

Independentemente da abordagem consagrada à análise do fenômeno da cavalaria durante a Europa na Idade Média, pode-se rastrear suas origens, como tentamos evidenciar neste artigo, desde os pretéritos tempos germânicos, em que as ligações entre os chefes das tribos e seus seguidores se baseavam, entre outros aspectos, no respeito ao direito consuetudinário e à força de liderança militar do chefe guerreiro.

No momento *post* Império Romano do Ocidente e com a crescente influência do reino franco dentro do espaço germanófono continental, principalmente três séculos depois, criam-se as bases para a paulatina afirmação de guerreiros a cavalo, que terão sob Carlos Magno a possibilidade de começar a se legitimar enquanto combatentes especiais.

Posteriormente, através de fundamentação eclesiástica e devido à organização social e econômica que configuraram o sistema feudal, dentro do Sacro Império atribuiu-se – via Provença – pelos elementos da nobreza e particularmente pelos ministeriais à posição social e estamentária dos jovens cavaleiros um comportamento regrado por normas de conduta, que perfariam o ideal da cavalaria.

Historiadores, medievistas e os teóricos de literatura alemães há muito discutem o papel daquela ordem para a formação da futura Alemanha, sempre dicotomizada entre a realidade e o ideal. Seja, porém, examinada sob o olhar da História, seja sob os pontos de vista da Literatura, a cavalaria permeia a própria história da Europa.

Para finalizar podemos debater com Klaus Militzer⁴⁴, quando este afirma que

40 *Idem*, p. 24.

41 A bibliografia de Werner Paravicini é volumosa e sugerimos ao interessado a leitura de *Nobilitas – Funktion und Repräsentation des Adels in Alteuropa*, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1997. Para esse trabalho, no entanto abordaremos a sintética, porém conclusiva obra do autor sobre a cavalaria, *Die ritterlich-höfische Kultur des Mittelalters*, 2. ed., München, R. Oldenbourg, 1999.

42 Werner Paravicini, *Die ritterlich-höfische Kultur des Mittelalters*, p.1.

43 *Idem*, p. 21.

44 Klaus Militzer, *op. cit.*, p. 35.

na verdade, a idéia da cavalaria uniu por bom tempo senhores e baixa nobreza, porém não pôde amalgamá-la em uma classe. A classe dos cavaleiros não era e nunca foi uma classe homogênea fechada em si. Contudo, a idéia da cavalaria conduziu a um florescimento de uma cultura secular de cavaleiros, que claramente contrastava com outra impregnada pelo meio eclesiástico. Todavia, esta cultura foi cultivada apenas em poucas cortes e não atingiu, de forma alguma, todos os nobres da mesma maneira. Porém esta cultura haverá avançado através de contatos durante os torneios, outras diversões, as cruzadas ou viagens à Roma até o último rincão do Império Alemão e haverá de deixar resultados, embora eles ainda possam ter sido diminutos.

Somos de opinião, contrariamente ao estudioso, que o legado dos homens de armadura, que “defendiam belas damas, protegiam fracos e oprimidos, honravam reis e respeitavam a Deus” ainda está presente, não sendo diminuto, mas expandido pelo imaginário dos homens – e mulheres – através dos séculos.

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

BORST, Arno. (Org.) *Das Rittertum im Mittelalter*. 3. ed., Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1998.

BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. “O Estudo da Literatura Medieval em Alemão no Brasil à luz da Mediévica Germanística – Algumas Palavras”. In: *V Encontro Internacional de estudos medievais – Anais*. Salvador, Quarteto, 2005, p. 258-268.

BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. “Literatura e História enquanto Discursos sobre o Real no Baixo Medievo Germanófono: Algumas Palavras”. In: KESTLER, Isabela Maria Furtado (org.), *Revista Forum Deutsch*, Rio de Janeiro, 8: 116-140, 2004.

BUMKE, Joachim. *Höfische Kultur. Literatur und Gesellschaft im hohen Mittelalter*. 9. ed. München, DTV, 1999.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*, trad. de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro, Zahar, 1993. v.2.

FLECKENSTEIN, Josef. *Rittertum und ritterliche Welt*. Berlin, Siedler, 2002.

FLECKENSTEIN, Josef. *Ordnungen und formende Kräfte des Mittelalters*. 2. ed. Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1991.

MILITZER, Klaus. “Alemanha na Baixa Idade Média – Feudalismo e Cavalaria”, trad. de Álvaro Alfredo Bragança Júnior. *Revista Forum Deutsch*, Rio de Janeiro, 5: 20-35, 2001.

PARAVICINI, Werner. *Die ritterlich-höfische Kultur des Mittelalters*, 2. ed. München, R. Oldenbourg, 1999.

WENZEL, Horst. *Frauendienst und Gottesdienst*. Berlin, Erich Schmidt, 1974.

RESUMO: Na área de bifurcação entre História e Literatura assentam-se as bases para a apresentação da figura do cavaleiro como instrumento pedagógico e civilizacional do Baixo Medievo. No lastro de discussões teóricas entre a História Medieval e a Mediévica Germanística alemãs, apresentamos aspectos do debate acadêmico acerca do desenvolvimento e afirmação desta singular *ordo*, que transcendeu seus próprios limites temporais e espaciais, fundindo em si modelos ideais e atemporais de comportamentos subsidiados por práticas bélicas seculares.

Palavras-chave: Alta Idade Média – Sacro Império – cavalaria – mediévica germanística – historiografia alemã

ABSTRACT: In the area of bifurcation between History and Literature are imbedded the foundations for the introduction of the knight as an educational and civilizational tool of the Lower Middle Ages. Within the theoretical framework of debates between the Medieval History and Germanic Medieval Studies will be presented aspects of the academic debate about the

development and consolidation of this unique *ordo* (class, order), which transcended its own temporal and spatial boundaries, fusing within itself ideal, timeless models of behavior and practices subsidized by secular wars.

Key-words: Early Middle Ages – Holy Empire – chivalry – germanistic medievalism – german historiography